

NARRATIVAS DE CUIDADORES DE IDOSOS: LUGAR DE CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADES SOCIAIS NO ÂMBITO DO TRABALHO

Ludmila Mota de F. PORTO²⁷

Resumo: Este trabalho objetiva analisar a construção de identidades por cuidadores de idosos que trabalham em instituições geriátricas do Recife/PE, através de narrativas que esses trabalhadores intercalam às perguntas da entrevista sobre seu trabalho. Como método qualitativo de análise de dados, as narrativas permitem que os cuidadores de idosos assumam diferentes identidades sociais enquanto contam histórias sobre seu trabalho e sua vida. Assim, as narrativas se mostram como uma via de conhecimento de sujeitos sociais e, conseqüentemente, de seu trabalho, uma vez que esses sujeitos são representantes de um coletivo.

Palavras-chave: Identidades sociais. Narrativas. Cuidadores de idosos. Trabalho.

Abstract: *This paper aims to analyze the construction of identities by caregivers of the elderly who work in geriatric institutions in Recife/PE, through narratives they introduce in their answers to an interview questionnaire about their job. As a qualitative method of analysis, narratives allow these workers to perform different identities while they tell stories about their own job and life. Thus, narratives seem to be an interesting way of studying subjects, and, therefore, to be acquainted with their job, as those subjects are representatives of a collective.*

Keywords: Social identities. Narratives. Caregivers of the elderly. Work.

Introdução

Desde os anos 1980, cientistas sociais se interessam pelas histórias que seus informantes intercalavam às respostas a entrevistas objetivas, pois, entre as experiências próprias de cada sujeito, os estudiosos perceberam que havia espaço para o conhecimento da cultura, considerando-se que o sujeito vive em sociedade e em constante interação com outros sujeitos sociais (ELLIOTT, 2005). Além disso, essas histórias, ou narrativas, mostraram-se como uma forma de estudar os próprios sujeitos,

²⁷ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (Linguística), UFPE, Recife, PE, Brasil, ludmila_porto@yahoo.com.br

isto é, como esses sujeitos gostariam de ser vistos ou conhecidos e, conseqüentemente, começaram a ser utilizadas para o estudo da constituição de identidades sociais.

Nessa linha, este trabalho tem como objetivo analisar a construção de identidades por cuidadores de idosos que trabalham em instituições geriátricas do Recife/PE, através de narrativas que esses trabalhadores intercalam às perguntas da entrevista, cujo tema central é seu trabalho. Para tanto, foram visitadas três instituições geriátricas do Recife, onde foram realizadas entrevistas narrativas individuais com dez cuidadores de idosos²⁸. As entrevistas foram transcritas, interpretadas e analisadas qualitativamente, à luz do método dialógico-discursivo, uma forma de conhecimento de natureza sociocultural de sujeitos históricos, através da linguagem, que é considerada uma forma de trabalho (PORTO, 2010; SAMPAIO *et al.*, 2006).

No ambiente institucional do trabalho dos cuidadores de idosos, circulam práticas discursivas que procuram construir identidades para esses trabalhadores. Não obstante, estudar a forma como esses trabalhadores se veem pode ajudar na construção do conhecimento sobre seu trabalho. Neste movimento de alteridade eu-outro/eu-outrem, proporcionado pela narrativa, os cuidadores deixam entrever sentidos que legitimam certas identidades sociais, em detrimento de outras (LANGELIER; PETERSON, 1997 *apud* MOITA-LOPES, 2002, p.65). Desta forma, este trabalho tenta responder: a) Que identidades sociais são construídas pelos cuidadores em suas narrativas? b) De que maneira essas identidades aparecem e entram em relação dialógica com o discurso do Outro?

A narrativa como espaço para construção de identidades sociais

O impulso de contar histórias é próprio dos seres humanos (RIESSMAN, 2008). O ato de narrar, isto é, de falar sobre algo que já ocorreu para um interlocutor, faz parte do cotidiano de sujeitos sociais, que utilizam as narrativas para ilustrar pontos de vista, embasar argumentos, comentar eventos (HOFFNAGEL, 2010). Embora a narrativa seja uma forma corriqueira de expressão, é preciso considerar suas peculiaridades, tendo em vista que, ao narrar, o sujeito organiza os fatos contados em certa ordem e com certa estrutura, considerando-se quem está ouvindo.

²⁸ Neste trabalho, serão analisados recortes de duas dessas entrevistas. Para maiores detalhes, consultar Porto (2010).

Nesse sentido, a narrativa foi pensada por Aristóteles, na *Poética*, como uma história marcada necessariamente pela temporalidade, ou seja, contendo um início, um meio e um fim (ELLIOTT, 2005). Considerando a temporalidade como a característica central da narrativa, Labov e Waletzky (1967) subdividiram sua estrutura em seis elementos, que apareceriam em ordem na fala do narrador, assim descritos por Hoffnagel:

Resumo (declaração do tema geral); orientação (descrição de onde, quando e por quem os eventos foram desempenhados); *complicação* (série de acontecimentos ordenados temporalmente); *resolução* (desenlace dos acontecimentos); *avaliação* (narrador valoriza os acontecimentos ao comentá-los); *coda* (fornece uma transição de tópico e temporal do mundo da narrativa para a interação em que a narrativa é contada) (HOFFNAGEL, 2010, p.66).

É preciso considerar, ainda, que essa estrutura é perpassada pelo processo de *verbalização* (CHAFE, 1990; 1994 *apud* HOFFNAGEL, 2010), que consiste na forma como narradores remetem ao passado e o transformam em linguagem, levando em conta que esse processo é simbólico, tendo em vista que não há como se falar em realidade, sem semiotizá-la. Assim, na narrativa, tem-se a representação de uma experiência pessoal em linguagem e “esse processo de transformação de experiência pessoal em performance/desempenho verbal está interligado com a maneira em que as estórias estão situadas social e culturalmente” (SCHIFFRIN, 1996 *apud* HOFFNAGEL, 2010, p.66).

Diante disso, a estrutura da narrativa proposta por Labov e Waletzky (1967) torna-se muito fechada, na medida em que nem sempre todos aqueles elementos estão presentes nas narrativas, ou não aparecem necessariamente naquela ordem: o contexto em que a história é contada e para quem é narrada são determinantes na escolha e distribuição dos elementos pelo narrador. A escolha do que vai ser dito ao interlocutor, a forma como vai ser dito e a ordem em que vai ser dito, então, já carregam uma *avaliação* do narrador sobre os fatos narrados (ELLIOTT, 2005, p.08); em outras palavras, tudo o que é dito, pelo narrador, já contém uma avaliação social, um acento apreciativo (BAKHTIN, 1992; 2007), cuja percepção, pelo interlocutor, é essencial para a compreensão da história.

Assim, na narrativa, o indivíduo faz muito mais do que simplesmente uma viagem ao passado, com base em sua memória, para recontá-lo a alguém no tempo presente: o tema de sua narrativa, a forma como se organiza, a ordem dos fatos, a

posição do sujeito diante do que narra, entre outras questões dizem respeito a como esse sujeito se constrói através da narrativa, ou de que forma a narrativa se apresenta como um espaço para construção de identidades sociais:

Não somente respondemos em antecipação de como queremos ser entendidos, mas nós nos localizamos verbalmente (e nos posicionamos) em relação aos contextos discursivos, e assim nos definimos através do que dizemos, como o dizemos e a quem nós o dizemos (HOFFNAGEL, 2010, p.67).

A narrativa, então, é marcada pela presença do outro, o interlocutor, que tem papel ativo na coconstrução de identidades sociais (HOFFNAGEL, 2010). Assim, “a ideia de quem nós somos é apoiada em nossas interações contínuas com os outros, e pelo modo como nos posicionamos em relação aos outros” (SCHIFFRIN, 1996, p.197). Portanto, é necessário “explorar as estruturas narrativas que os seres humanos empregam em seus esforços para fazer sentido” (BACKHURST; SYPNOWICH, 1995, p.10 *apud* MOITA-LOPES, 2002, p.67).

Fazer sentido é, aliás, uma busca incessante do sujeito fragmentado da pós-modernidade. Esse sujeito é marcado pela heterogeneidade e, por isso, não possui uma identidade fixa, mas identidades fluidas, que são formadas e transformadas em contextos sociais diferentes (HALL, 1987). Através do discurso, então, torna-se possível observar de que maneira o sujeito que narra uma história assume uma identidade, ou várias identidades sociais.

Uma vez delimitada a forma como a narrativa serve de espaço para construção de identidades sociais, faz-se necessário esclarecer de que forma a narrativa também funciona como um método qualitativo de coleta e análise de dados.

A narrativa como método

Conforme visto, as narrativas são textos que possuem forma de história e, desta forma, apresentam uma sequência de eventos que são selecionados, distribuídos e interpretados pelo narrador, com o intuito de fazer sentido junto ao ouvinte (RIESSMAN, 2008). A entrevista narrativa deve “fazer com que o entrevistado conte a história de interesse em questão como uma história consistente de todos os elementos relevantes [...]” (HERMANNNS, 1995, p.183). Para tal, é feita uma questão gerativa

narrativa (RIEMANN; SCHUETZE, 1987, p.353), a fim de desencadear a narrativa do entrevistado.

Cabe ao pesquisador, que tem o papel de interlocutor, ajudar a construir as narrativas dos entrevistados, com os quais precisa estabelecer um diálogo, rompendo com a forma tradicional de entrevista, baseada no modelo de perguntas e respostas: “O modelo de entrevistador ‘facilitador’ que faz perguntas e de um informante como ‘depositário’ de respostas é substituído por dois *interlocutores* ativos que em conjunto constroem a narrativa e o sentido²⁹” (RIESSMAN, 2008, p.23). Uma das maneiras de estimular a narrativa dos entrevistados consiste na elaboração de perguntas abertas, que os incitem a fazer a ligação entre o passado e o presente. Ademais, o pesquisador deve ouvir atentamente os possíveis longos turnos dos entrevistados, tendo em vista que os detalhes são tão importantes para a análise das narrativas quanto os eventos que são privilégios de discurso.

Na visão de Jovchelovitch e Bauer (2005, p.103), completar a questão gerativa narrativa com outras questões pode “ocasionalmente diluir as fronteiras entre a EN [entrevista narrativa] e a entrevista semi-estruturada”, dando origem ao que Habermas (1991 *apud* JOVCHELOVITCH; BAUER, 2005) chama de entrevista semi-estruturada enriquecida por narrativas, que “usadas para fins de pesquisa científica, requerem uma interpretação minuciosa – a análise das narrativas – que podem ser realizadas de inúmeras formas, a depender dos objetivos da investigação³⁰” (RIESSMAN, 2008, p.03).

Na abordagem das narrativas, “longos turnos são preservados e analisados como unidades, ao invés de fragmentados em categorias temáticas, como é comum em outras formas de análise qualitativa³¹” (RIESSMAN, 2008, p.12). Sob tal perspectiva, abre-se espaço para a pluralidade de vozes, assim como para a expressão da subjetividade dos entrevistados, que se constroem e afirmam suas identidades enquanto narram, aproveitam o espaço para mostrar ao pesquisador “quem eles são e como eles querem ser conhecidos [...]. Em tempos pós-modernos, as identidades podem ser construídas e

²⁹ “The model of a ‘facilitating’ interviewer who asks questions, and a vessel-like ‘respondent’ who gives answers, is replaced by two active *participants* who jointly construct narrative and meaning”.

³⁰ “When used for research purposes, they require close interpretation – narrative analysis – which can be accomplished in a number of ways depending on the objectives of the investigation”.

³¹ “Narrative study relies on (and sometimes has to excavate) extended accounts that are preserved and treated analytically as units, rather than fragmented into thematic categories as is customary in other forms of qualitative analysis [...]”.

desconstruídas, aceitas ou contestadas e, de fato, representadas para um público³²” (RIESSMAN, 2008, p.07).

Diante disso, as narrativas “forçam as ciências sociais a desenvolver novas teorias, novos métodos e novas formas de falar sobre o eu a sociedade” (DENZIN, 2000 *apud* RIESSMAN, 2008, p.16) entre eles, o método dialógico-discursivo de análise de dados, em que a palavra é sempre vista em seu contexto de uso e em relação com as palavras alheias. O método permite estabelecer as relações dialógicas constitutivas da natureza dual da narrativa (BRUNER, 1997): o sujeito que narra se posiciona em relação ao outro, o interlocutor, ao mesmo tempo em que se coloca com respeito a outrem, personagens de sua história. Além disso, se o narrador se ocupa com fatos ocorridos em sua própria vida, ele (o Eu) também estabelece uma relação dialógica com seu passado (em que era o Outro), para atribuir-lhe sentidos: “Nas lembranças levamos em conta até os acontecimentos posteriores (no âmbito do passado), ou seja, percebemos e interpretamos o lembrado no contexto de um passado inacabado” (BAKHTIN, 2003, p.399).

Assim, neste trabalho, o cuidador de idosos narra para a pesquisadora fatos de sua vida com base em sua memória, e este deslocamento temporal lhe permite um interpretá-los e de atribuir-lhes novos sentidos, que corroboram com a identidade social que ele tem o interesse de assumir no seu ambiente de trabalho, onde a entrevista é realizada. Esses sentidos são interpretados e analisados dialogicamente, considerando-se “para ‘quem’ um enunciado se dirige, ‘quando’ e ‘por que’, isto é, com que propósitos?”³³ (RIESSMAN, 2008, p.105).

No tópico a seguir, observar-se-á como isso acontece, a partir de narrativas de dois cuidadores de idosos.

³² “[...] individuals must now construct who they are and how they want to be known [...]. In postmodern times, identities can be assembled and disassembled, accepted and contested, and indeed performed for audiences”.

³³ “[...] the dialogic/performative approach asks ‘who’ an utterance may be directed to, ‘when’ and ‘why’, that is, for what purposes?”.

Construindo a identidade profissional³⁴ dos cuidadores de idosos

O sujeito A.M., 42 anos, lança mão da narrativa para iniciar sua fala sobre como adquiriu experiência como cuidador de idosos:

P – Como foi que você adquiriu os conhecimentos pra ser cuidador? Vamos dizer, a minha... MESTRE, que me ajudou muito, quando eu vim pra cá, eu trabalhei 30 dias sem receber nada aqui. [Aqui nesse..?] Aqui, além... pra poder pegar o jeito das... daqui. Cuidador tem... é bom... tem cuidador, tem muitas coisa, mas, você tem que se adaptar no lugar que você está. Foi difícil, mas graças a Deus eu consegui. [Quem te ensinou?] Foi D. M., uma cuidadora que saiu daqui, eu entrei no lugar dela (A.M., 42 anos).

De acordo com a narrativa de A.M., é possível perceber que, nesse primeiro momento de seu relato, existe uma preocupação do cuidador em demonstrar a importância da prática no seu trabalho, a qual é ensinada por uma cuidadora mais experiente, a quem o cuidador A.M. ficou encarregado de substituir. O cuidador ressalta, ainda, que não basta obter a prática da profissão, mas é preciso ter conhecimento também do funcionamento da instituição em que trabalha, uma vez que o cuidador de idosos deve ser condizente com as exigências da instituição e também de outros profissionais em posição hierárquica superior, como a enfermeira-chefe e o gestor administrativo.

Através desse primeiro trecho, então, o sujeito A.M. se preocupa em demonstrar que é uma pessoa responsável e humilde, tendo em vista que se submeteu ao treinamento na instituição “sem receber nada” e foi orientado por uma cuidadora que o “ajudou muito”, não ignorando a dificuldade que teve para se adaptar, mas demonstrando gratidão a Deus por ter conseguido alcançar seu objetivo. A.M. assume uma identidade social condizente com a herança histórica de seu trabalho, que remonta à profissão das enfermeiras até o final do século XIX: elas prestavam cuidados voluntariamente aos homens velhos e aos doentes, deveriam ter uma vocação espiritual para tal e ser submissas a Deus (GINESTE, PELLISSIER, 2008).

A.M. dá continuidade à sua narrativa:

³⁴ Toma-se aqui por *identidade profissional* a(s) identidade(s) social(is) que os cuidadores constroem no âmbito do trabalho.

[...] Pronto. Graças a Deus... Me ensinou e bem, me ensinou. Cuidar de cama, tem que forrar cama, fazer isso, graças a Deus eu sempre soube fazer. Não por que sou, fosse homem não, mas sempre soube arrumar, dobrar... Você só aprende fazendo aquilo (A.M., 42 anos).

No trecho destacado, percebe-se que A.M. assume uma identidade diferente daquela de cuidador humilde e responsável: ele faz questão de se colocar, diante da pesquisadora, como um homem heterossexual, apesar de realizar tarefas que, historicamente, em uma sociedade machista, estão designadas às mulheres, a exemplo de forrar uma cama; ainda, tais tarefas, na história de seu trabalho, eram realizadas apenas por mulheres, e as mulheres continuam sendo maioria nos dias de hoje (GINESTE; PELLISSIER, 2008). Assim, ao assumir essa identidade, A.M. se define pelo Outro, representado aqui por todas as cuidadoras de idosos. Ele apresenta discursivamente o Outro, para mostrar o que ele não é, uma vez que não possui um *excedente de visão* de si mesmo, mas do Outro:

Minha imagem externa não pode ser um elemento de caracterização para mim mesmo. Na categoria do *eu*, minha imagem externa não pode ser vivenciada como um valor que me engloba e me acaba, ela só pode ser assim vivenciada na categoria do *outro*, e eu preciso me colocar a mim mesmo sob essa categoria para me ver como elemento de um mundo exterior plástico-pictural único (BAKHTIN, 2003, p.32-33).

Embora assumia essa identidade social de homem heterossexual, a identidade de cuidador responsável se sobrepõe àquela, provavelmente porque a narrativa está construída em cima do tema *trabalho*, e não do tema *sexualidade*, daí o interesse de A.M. em salientar suas qualidades como trabalhador, deixando a outra identidade em segundo plano. Dessa forma, A.M. estabelece uma relação de alteridade com todos os cuidadores que não são responsáveis e humildes (os Outros), para afirmar seu Eu responsável e humilde, que, no momento da entrevista, ganha uma importância maior com respeito à relação que A.M. estabelece com o Outro, a pesquisadora, no que concerne à sua identidade de homem heterossexual. Assim, a narrativa de A.M. é crucial para a observação de duas diferentes identidades construídas por ele e serve para conhecer melhor esse sujeito, para além de suas palavras.

A cuidadora O.A., 44 anos, acredita ter recebido o dom divino de cuidar e não justifica diretamente por que se acha capaz de ser cuidadora:

P – Por que você se acha capaz de ser uma cuidadora?

É, eu acho que foi o senhor, nosso Deus, que colocou mesmo, que me fez assim... eu acho. Porque eu trabalhava com criança, BEM diferente do idoso, porque criança, ele, ela... perdoa fácil, ela tá triste aqui, ali ela já está sorrindo. O idoso não, ele é assim mais fechado. Quando acontece algo, ele sustenta assim, passa uns 8 dias, fechado... [...] Mas é mais difícil trabalhar com o idoso, *porque eu num tinha nada a ver com o idoso, trabalhava com criança, aí vim aqui para o lar do ancião, nunca tinha trabalhado com idoso, foi a primeira vez, e a minha primeira experiência não foi muito... muito agradável aqui* (O.A, 44 anos).

A partir do trecho destacado, a cuidadora introduz a narrativa, ao longo da qual ela vai se ocupar em construir a identidade social de uma trabalhadora vencedora e capaz, conforme se observa no longo recorte a seguir:

Logo nos primeiros, nas primeiras semanas, que eu era assim magrinha e... era..., tinha assim ainda, tinha meus vinte, meus trinta anos, por aí assim, trinta e poucos anos. Aí eles me achavam uma menina, eles não aceitavam assim, entendeu, os idosos. Então quando a diretoria me escolheu para assumir, assim, que aqui tinha uma diretora, e ela tinha saído. Aí eu vim pra ficar assim por enquanto, é, fazendo uma experiência como cuidadora né? E eu falei que, é, eu achei muito para mim, uma responsabilidade muito grande. Quando eu olhei assim, e, e o olhar deles para mim, né, ‘essa menina que vai cuidar da gente?’ [...] Eu aceitei o desafio. Aí com duas semanas, aí eu fui tentar assim como mudou, tinha uma diretoria voluntária, eu falei para o diretor pra... se podia limpar, ajeitar as plantas da frente, o canteiro assim, as plantas, o jardim. E ele falou: ‘- Pode. Fale com o vizinho [...] Aí eu chamei o menino, comecei a fazer o trabalho. Tirando os matos, replantando alguma coisa. Aí saiu uma idosa daqui desse consultório, ela ajudava na medicação. Ela saiu, chegou assim no, ali no terraço, aí falou assim: ‘- Mas quem foi que lhe deu permissão para você fazer isto aí? Quem foi que lhe autorizou? Até parece a dona da casa!’ Aí, o menino soltou a pá. Eu fiquei assim, eu parei num é, eu deixei ela falar [...] aí quando ela saiu, aí eu disse: ‘- Continue, vamos continuar, a gente precisa terminar o trabalho’. ‘- [...] Aí ele terminou, e eu fiz o recibo, ele assinou, ele foi embora, e eu entrei, já era quatro, ia dar quatro hora, elas tavam todas no terraço, todas no terraço sentadinha, aí eu fui, peguei minha bolsa e disse: ‘- Irmãs, até amanhã!’ E elas tudo assim, sabe? Nariz assim em pé... Aí eu, quando eu cheguei no portão, ah, eu fui chorando até em casa! [...] Aí, quando eu cheguei na minha, no meu lar, eu falei: ‘- Olhe, não tem mais trabalho, eu não vou mais, não vou voltar a trabalhar. [...] Aí no outro dia, gente... Eu manheci assim...esqueci tudo o que aconteceu, alegre, tomei banho, troquei a roupa e disse: ‘- Eu vou para o trabalho! Aí o pessoal: ‘- Você vai para o trabalho, você não falou que não ia mais? Você chegou ontem aqui naquele choro...’ ‘- Não, não, eu tenho que ir, eu sou responsável, eu vou para o trabalho’. [...] Quando eu retornei, eu cheguei aqui feliz, alegre, bom dia tudo bem, aí ela disse, nossa, ela, então eu já sei, ela chegou feliz porque ela já foi prestar queixa da gente, de mim, do que eu fiz

com ela. Aí o que eu foi que eu fiz com ela não tá certo. E assim mesmo ela ficou com a culpa, assim, consciência doendo. Aí ligou pra o presidente e disse que ele tinha que vir aqui com urgência. [...] Aí o presidente ligou pra mim: ‘- O.A., o que é que está acontecendo aí? Uma residente ligou para mim, disse que eu tinha que ir pra aí urgente, a senhora está sabendo o que está acontecendo?’ Eu disse: ‘- Não, senhor! Aqui está tudo bem!’ ‘- Mas não pode, não pode ser, ela estava até chorando...’ ‘- Chorando? Não... Eu não... não não está, não chegou ao meu conhecimento’. Aí eu... aí ele desligou. Aí eu... também ela veio pra cá, ela ligou pra ele daqui. Ai eu fui, normal, fiquei assim, né: ‘- Meu Deus, quem será?’ Jamais eu pensei que tinha sido ela, a pessoa que me deu, que chamou atenção. Aí quando ele chegou, ela chorou bastante, pediu a ele perdão porque me tratou assim, depois [...] comigo. [...] Aí ele foi lá na diretoria, ele me chamou. ‘- Olhe, O.A., a senhora tem certeza que num tá...?’ Eu disse: ‘- Não, senhor!’ ‘- O que foi que aconteceu aqui ontem? Bom... como foi seu dia ontem?’ ‘- Foi bem...’ ‘Não. Não aconteceu nada?’ ‘- Sim, aconteceu, mas já passou.’ Aí ele disse: “- Olhe, Dona Cândida³⁵ me chamou aqui, porque aconteceu assim, assim, assim, aí ele tava... eh... ela tava... chorou muito e tudo... Aí ele falou: ‘- E você, O.A., eu quero lhe dizer que você já passou na experiência.’ [Aí tu ficasse? Foi a prova de fogo?] A prova de fogo, né? Então essa experiência marcou a minha vida, assim, então... [Não desistiu mais?] Não. Porque aí eu senti que eu tinha condições, sabe? É... de vencer outras, outras tempestades né, que viessem. Porque ela foi assim muito, muito autoritária tudo, então, eu num respondi, é, mas terminei meu trabalho, não chorei na frente dela, saí, não, não, no outro dia não fui discutir... nem procurar satisfação, não, eu simplesmente tratei bem: ‘- Como vai?’ Então isso... é... me deu assim, é... me veio um aprendizado que eu nem sabia, aí eu vi que eu mesmo dava pra coisa, entendeu? Aí depois veio o curso, né... (O. A., 44 anos).

É possível notar que a narrativa de O.A. segue a estrutura proposta por Labov e Waletzky (1967). O.A. faz o resumo, ao introduzir a narrativa, no trecho: “porque eu num tinha nada a ver com o idoso, trabalhava com criança, aí vim aqui para o lar do ancião [...] e a minha primeira experiência não foi muito... muito agradável aqui”. Em seguida, orienta sua interlocutora, situando a narrativa temporal e espacialmente, ao mesmo tempo em que faz uma avaliação, ao comentar o acontecimento, como demonstra o trecho em destaque:

Logo nos primeiros, nas primeiras semanas [...] tinha assim ainda, tinha meus vinte, meus trinta anos, por aí assim, trinta e poucos anos. *Aí eles me achavam uma menina, eles não aceitavam assim, entendeu, os idosos.* Então quando a diretoria me escolheu para assumir [...] (O.A., 44 anos).

³⁵ Nome fictício.

Os acontecimentos são narrados de acordo com a ordem em que aconteceram, caracterizando o que Labov e Waletzky (1967) chamam de *complicação*: O.A. inicia o relato nas primeiras semanas em que chegou para fazer uma experiência temporária na instituição geriátrica, apresenta a não-aceitação dos idosos, a sua ideia de ajeitar o canteiro das plantas, o desentendimento que teve com a idosa, sua desistência do trabalho e consequente apoio da família, o telefonema da idosa para o presidente e a conversa deste com ela. Depois de todo o relato, O.A. apresenta a *resolução* dos acontecimentos, faz novamente uma avaliação de tudo o que foi narrado e finaliza com a *coda*: “Então essa experiência marcou a minha vida”.

O.A. constrói toda a sua narrativa quando perguntada sobre o porquê de se achar capaz de ser uma boa cuidadora. Enquanto que, no primeiro trecho apresentado, ela se exime de qualquer elogio à sua própria capacidade, atribuindo-lhe ao dom divino, a narrativa demonstra que ela constroi uma identidade social de cuidadora vencedora de um desafio e capaz de passar por outros em seu trabalho:

A prova de fogo, né? Então essa experiência marcou a minha vida, assim, então... [Não desistiu mais?] Não. Porque aí eu senti que eu tinha condições, sabe? É... de vencer outras, outras tempestades né, que viessem (O.A., 44 anos).

A palavra do Outro é introduzida na narrativa de O.A para ratificar seu mérito, como é o caso da fala do presidente: “Aí ele falou: ‘ - E você, O.A., eu quero lhe dizer que você já passou na experiência’”. Observa-se que O.A. faz questão de marcar a palavra do Outro em seu discurso, por isso o uso recorrente do discurso reportado, demonstrando as relações que estabelece com cada personagem de sua história. Como aponta Buber (1979), a constituição do sujeito dá-se a partir da relação entre o *eu* e *tu*, intermediada pela palavra proferida, uma atitude que é efetiva e atualizadora do ser humano. Assim, O.A. estabelece relações com os personagens em sua narrativa e dialoga com eles, com o intuito de constituir sua identidade social de cuidadora vencedora e capaz, para justificar, junto à interlocutora, o dom que lhe foi dado.

Considerações finais

O estudo das narrativas constitui-se como uma importante ferramenta para o conhecimento de sujeitos sociais, mais precisamente por que as narrativas oferecem um espaço para a manifestação de identidades sociais e permitem que os sujeitos mostrem como querem ser vistos pelo interlocutor.

Tomando por base entrevistas narrativas realizadas com dois cuidadores de idosos, este trabalho teve como objetivo analisar a construção de identidades por esses sujeitos, considerando-se que o tema central para o desenvolvimento das narrativas era o seu trabalho.

A entrevista narrativa tem o papel de provocar a narração de histórias pessoais, por isso os cuidadores foram estimulados a contar suas histórias com respeito a seu trabalho. Nem sempre a narrativa se constitui como uma resposta direta às perguntas da entrevista, mas oferece um rico espaço para que o pesquisador interprete quais identidades sociais os sujeitos narradores estão assumindo naquele momento e os porquês disso.

Nesse sentido, foi possível constatar que o sujeito A.M, 42 anos, ao longo de sua narrativa, assumiu duas identidades: a de cuidador humilde e responsável e a de homem heterossexual, sendo que a de cuidador prevaleceu em seu discurso, devido ao tema da entrevista, o trabalho de cuidador de idosos. A preocupação de A.M. em assumir a identidade de homem heterossexual, na sua profissão, remete à predominância de pessoas do sexo feminino e à herança histórica de seu trabalho, exercido pelas enfermeiras ao longo dos séculos. Já O.A, 44 anos, assumiu a identidade de cuidadora vencedora e capaz, utilizando a narrativa para demonstrar o desafiante início de sua trajetória no trabalho e como conseguiu superar os obstáculos que encontrou. Ressalta-se que ambos os cuidadores estabeleceram relações de alteridade para construir suas identidades sociais.

Assim, a aplicação de entrevistas narrativas na coleta de dados e a subsequente análise das narrativas dos cuidadores de idosos demonstraram ser um caminho bastante profícuo no conhecimento de sujeitos sociais. Trata-se de um percurso ainda pouco explorado no âmbito da Análise Dialógica do Discurso, mas que pode auxiliar na elucidação de questões que dizem respeito aos sujeitos sociais em quaisquer âmbitos,

entre eles, o do trabalho, tendo em vista que os sujeitos são representantes de um coletivo.

Referências

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 6ª ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **Estética da criação verbal**. Trad. do russo de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

_____. Estrutura do Enunciado. **Revista Literatunja Ucëba**. vol. 3, 1930, p. 65-87. Tradução de Ana Vaz, para fins didáticos, 2007.

BUBER, M. **Eu e Tu**. 2ª ed. Trad. e introd. Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Moraes, 1979.

BRUNER, J. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

ELLIOTT, J. **Using narrative in social research: qualitative and quantitative approaches**. SAGE: London, 2005.

GINESTE, Y.; PELLISSIER, J. **Humanidade: cuidar e compreender a velhice**. Trad. Joana Chaves. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

HALL, S. **A Identidade cultural na Pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1987.

HOFFNAGEL, J. C. **Temas em Antropologia e Linguística**. Recife: Bagaço, 2010.

LABOV, W.; WALETZKY, J. Narrative analysis. In: JUNE HELM (ed.). **Essays on the verbal and visual arts**. Seattle: University of Washington Press, 1967, p. 12-44.

MOITA LOPES, L. P. **Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

PORTO, L. M. F. **Análise dialógico-discursiva da atividade dos cuidadores de idosos em instituições geriátricas do Recife**. 2010. 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2010.

RIEMANN, G.; SCHUTZE, F. Trajectory as a Basic Theoretical Concept for Analyzing Suffering and Disorderly Social Processes. In: MAINES, D. (org.), **Social Organization and Social Process: Essays in Honor of Anselm Strauss**. New York: Aldine de Gruyter, 1987. p. 333-357.

RIESSMAN, C.K. **Narrative Methods for the Human Sciences**. Califórnia: Sage Publications, 2008.

SAMPAIO, M. C. H. *et al.* O método dialógico-discursivo: aplicações em estudos da memória-trabalho. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL MÉTODOS QUALITATIVOS NAS CIÊNCIAS SOCIAIS, 2006, Recife. **Anais...** Recife: UFPE, 2006. Em CD-ROM.